



SÍNTESE DE NOTÍCIAS N° 0166/2025

**EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 22/06/2025**

Ministro das Relações Exteriores saudita reafirma apoio à Palestina e condena ataques israelenses ao Irão em reunião da OIC em Istambul



O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, reafirmou o apoio inabalável do Reino à causa palestina durante a sessão de abertura da 51ª reunião do Conselho de Ministros das Relações Exteriores da Organização de Cooperação Islâmica, realizada ontem em Istambul.

O ministro das Relações Exteriores também condenou os ataques israelenses ao Irão, descrevendo-os como uma violação "flagrante" do direito internacional e uma violação da soberania e segurança iranianas. A reunião, organizada pela Turquia, marcou o início de sua presidência do Conselho de Ministros das Relações Exteriores da OIC. O Príncipe Faisal parabenizou a Turquia por assumir o cargo e agradeceu a Camarões por seus esforços durante o mandato anterior. Em seu discurso, o Príncipe Faisal ressaltou a importância que a Arábia Saudita

atribui à questão palestina, destacando os esforços contínuos do Reino para acabar com a guerra em Gaza, aliviar o agravamento da crise humanitária e unificar as posições árabes e islâmicas sobre o conflito. Ele reiterou o firme apoio do Reino da Arábia Saudita ao estabelecimento de um Estado palestino independente ao longo das fronteiras de 1967, com Jerusalém Oriental como sua capital. Voltando-se para o conflito israelense-iraniano, ele disse: "Esses ataques ameaçam a segurança e a estabilidade da região" e pediu a suspensão imediata das operações militares, a desescalada e o retorno às negociações entre o Irão e a comunidade internacional.

O Príncipe Faisal também reiterou o apoio contínuo do Reino da Arábia Saudita aos esforços para resolver a crise no Iêmen, expressando apoio a uma solução política abrangente e à restauração da paz, estabilidade e segurança no país.

Fonte-Arab News.

Ministro das Relações Exteriores saudita mantém conversas com colegas egípcios e paquistaneses à margem da OIC



O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, realizou ontem reuniões separadas com seus colegas egípcio e o paquistanês em Istambul.

O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, realizou ontem reuniões separadas com seus colegas egípcio e o paquistanês. As discussões foram realizadas à margem da 51ª sessão do Conselho de Ministros das Relações Exteriores da Organização de Cooperação Islâmica em Istambul. Durante as conversas com o ministro das Relações Exteriores do Egito, Badr Abdelatty, os dois lados revisaram as relações estreitas entre o Reino e o Egito e discutiram os desenvolvimentos regionais e seu impacto na segurança da região.

O Príncipe Faisal também se reuniu com o vice-primeiro-ministro e ministro das Relações Exteriores do Paquistão, Ishaq Dar. As discussões se concentraram nos laços bilaterais, bem como nos desenvolvimentos regionais e internacionais e nos esforços contínuos para resolvê-los. Ambas as reuniões contaram com a presença

do Príncipe Musab bin Mohammed Al-Farhan, assessor do ministro das Relações Exteriores para Assuntos Políticos, e Fahd bin Asaad Abu Al-Nasr, embaixador saudita na Turquia. **Fonte-Arab News.**

'Embaixador extraordinário': votos de felicidades chegam quando o enviado saudita conclui seu mandato

Enquanto o Príncipe Khalid bin Bandar conclui seu papel como embaixador do Reino da Arábia Saudita no Reino Unido, seu mandato de seis anos foi marcado como um período de engajamento renovado e modernização nas relações saudita-britânicas. De acordo com o Decreto Real emitido em março passado, o Príncipe Khalid foi nomeado conselheiro do Ministério das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita e deve regressar a Riade nos próximos dias.

Desde sua nomeação em 2019, o Príncipe Khalid liderou esforços para fortalecer os laços e redefinir a imagem do Reino nas esferas política, econômica, acadêmica e cultural. Sua abordagem foi marcada pela transparência, acessibilidade e visão estratégica, bem como alcance consistente tanto para instituições políticas quanto para o público britânico em geral. Em abril deste ano, ele foi nomeado Diplomata do Ano para o Médio Oriente e Norte de África pela Diplomat Magazine, um prêmio votado por representantes de mais de 180 missões diplomáticas no Reino Unido. **Fonte-Arab News.**

Reino da Arábia Saudita expressa 'grande preocupação' com ataques dos EUA ao Irão



O secretário-geral das Nações Unidas, Antonio Guterres, disse que "há um risco crescente de que este conflito possa sair rapidamente do controle".

O Reino da Arábia Saudita expressou hoje sua "grande preocupação" após os ataques dos EUA a instalações nucleares iranianas, de acordo com um comunicado do Ministério das Relações Exteriores no X.

A declaração do ministério saudita "afirmou sua condenação e denúncia de violar a soberania da República Islâmica do Irão, expressando a necessidade de exercer todos os esforços para exercer contenção, diminuir e evitar a escalada".

O Reino também pediu à comunidade internacional que aumente os esforços em tais "circunstâncias altamente sensíveis" para chegar a uma solução política para acabar com a crise.

E o secretário-geral das Nações Unidas, Antonio Guterres, criticou a decisão do presidente dos EUA, Donald Trump, de ordenar ataques militares dos EUA às instalações nucleares do Irão como uma "escalada perigosa".

"Estou gravemente alarmado com o uso da força pelos Estados Unidos contra o Irão hoje. Esta é uma escalada perigosa em uma região já no limite - e uma ameaça directa à paz e segurança internacionais", disse ele em um comunicado. "Há um risco crescente de que este conflito possa sair rapidamente do controle – com consequências catastróficas para os civis, a região e o mundo", disse ele.

Guterres pediu aos Estados-membros que diminuam a escalada e cumpram suas obrigações sob a Carta da ONU e outras regras do direito internacional. "Nesta hora perigosa, é fundamental evitar uma espiral de caos. Não há solução militar. O único caminho a seguir é a diplomacia. A única esperança é a paz", disse ele.

Outros países começaram hoje a reagir com pedidos de diplomacia e palavras de cautela:

Emirados Árabes Unidos,

Os Emirados Árabes Unidos pediram hoje a suspensão imediata da escalada para "evitar sérias repercussões" na região após ataques dos EUA às instalações nucleares do Irão. Ele alertou que tais ações podem levar a região a "novos níveis de instabilidade", de acordo com um comunicado do Ministério das Relações Exteriores.

Egipto,

O Egipto expressou profunda preocupação com os recentes desenvolvimentos no Irão, alertando para os riscos representados por uma situação em rápida escalada que poderia ameaçar a segurança e a estabilidade de toda a região. Em um comunicado divulgado pelo Ministério das Relações Exteriores, o Egipto disse que a escalada em curso pode ter sérias consequências para a paz regional e internacional.

A declaração enfatizou a importância de respeitar a soberania dos Estados e aderir aos princípios da Carta das Nações Unidas e do direito internacional. O Egito pediu a todas as partes interessadas que exerçam moderação, priorizem o diálogo e busquem soluções pacíficas, enfatizando que recorrer a opções militares só levaria a uma maior instabilidade.

Paquistão,

O Paquistão, em um comunicado, disse que "condena os ataques dos EUA às instalações nucleares iranianas que seguem a série de ataques de Israel. Estamos seriamente preocupados com a possível escalada das tensões na região."

"Reiteramos que esses ataques violam todas as normas do direito internacional e que o Irão tem o direito legítimo de se defender sob a Carta da ONU. A escalada sem precedentes de tensão e violência, devido à agressão contínua contra o Irão, é profundamente perturbadora. Qualquer nova escalada de tensões terá implicações severamente prejudiciais para a região e além."

Rússia,

Dmitry Medvedev, vice-presidente do Conselho de Segurança da Rússia, disse hoje que o presidente dos EUA, Donald Trump, iniciou uma nova guerra para os EUA atacando o Irão. "Trump, que chegou como um presidente pacificador, começou uma nova guerra para os EUA", escreveu Medvedev em seu canal no Telegram.

Qatar,

O Qatar, anfitrião da maior base militar dos EUA no Médio Oriente, disse hoje que temia sérias repercussões após os ataques aéreos dos EUA contra instalações nucleares no Irão. O Ministério das Relações Exteriores "adverte que a actual escalada perigosa na região pode levar a consequências catastróficas nos níveis regional e internacional", disse um comunicado. "Ele pede a todas as partes que exerçam sabedoria, moderação e evitem uma nova escalada."

Sultanato de Omã,

O Sultanato de Omã, que estava mediando as negociações nucleares entre Washington e Teerão, condenou veementemente hoje os ataques dos EUA a instalações nucleares no Irão. O sultanato do Golfo "expressa profunda preocupação, denúncia e condenação da escalada resultante dos ataques aéreos directos lançados pelos Estados Unidos em locais na República Islâmica do Irão".

Líbano,

O presidente libanês Joseph Aoun, em declaração divulgada pela Presidência libanesa no X, disse: "O Líbano, sua liderança, partidos e povo, estão cientes hoje, mais do que nunca, de que pagou um preço alto pelas guerras que eclodiram em sua terra e na região. Não está disposto a pagar mais e não há interesse nacional em fazê-lo, especialmente porque o custo dessas guerras foi e será maior do que sua capacidade de suportar. "O bombardeio de instalações nucleares iranianas levanta temores de uma escalada de tensões que poderia ameaçar a segurança e a estabilidade em mais de uma região e país. "O Presidente da República apela à contenção e ao lançamento de negociações construtivas e sérias para restaurar a estabilidade nos países da região e evitar mais mortes e destruição", acrescenta o comunicado.

Reino Unido,

O primeiro-ministro do Reino Unido, Keir Starmer, pediu ao Irão que "retorne à mesa de negociações" sobre suas ambições nucleares depois que os EUA realizaram ataques a instalações nucleares iranianas.

"O Irão nunca poderá desenvolver uma arma nuclear e os EUA tomaram medidas para aliviar essa ameaça", disse Starmer no X, acrescentando que "a estabilidade na região é uma prioridade". "Pedimos ao Irão que retorne à mesa de negociações e chegue a uma solução diplomática para acabar com esta crise."

Iraque,

O Iraque alertou hoje que os ataques dos EUA às instalações nucleares de seu vizinho Irão ameaçam a paz e a estabilidade no Médio Oriente.

O Iraque "expressa sua profunda preocupação e forte condenação ao ataque a instalações nucleares" no Irão, disse o porta-voz do governo, Basim Alawadi. "Esta escalada militar constitui uma grave ameaça à paz e à segurança no Médio Oriente e representa sérios riscos para a estabilidade regional".

União Europeia,

A principal diplomata da União Europeia disse que o Irão não deve ter permissão para desenvolver uma arma nuclear, mas pediu aos envolvidos no conflito que mostrem moderação.

"Peço a todos os lados que recuem, voltem à mesa de negociações e evitem uma nova escalada", disse a chefe de política externa da UE, Kaja Kallas, em um post nas redes sociais. Kallas presidirá amanhã uma reunião dos ministros das

Relações Exteriores do bloco de 27 nações em Bruxelas, com a guerra Israel-Irão no topo da agenda.

Nova Zelândia,

O ministro das Relações Exteriores da Nova Zelândia, Winston Peters, pediu hoje que "todas as partes retornem às negociações".

Ele não disse a repórteres se a Nova Zelândia apoiava as acções do presidente Trump, dizendo que elas tinham acabado de acontecer. O três vezes ministro das Relações Exteriores disse que a crise é "a mais séria com a qual já lidei". "E só a diplomacia proporcionará uma resolução mais duradoura do que novas acções militares", disse ele.

Itália,

O ministro das Relações Exteriores da Itália, Antonio Tajani, disse à emissora estatal RAI: "Agora esperamos que, após este ataque, que causou danos maciços à produção de armas nucleares e representou uma ameaça para toda a região, uma desescalada possa começar e o Irão possa se sentar à mesa de negociações".

China,

Um comentário rápido da imprensa estatal da China perguntou se os EUA estão repetindo "seu erro do Iraque no Irão". O artigo online da CGTN, em língua estrangeira da emissora estatal, disse que os ataques dos EUA marcam um ponto de virada perigoso.

"A história tem mostrado repetidamente que as intervenções militares no Médio Oriente muitas vezes produzem consequências não intencionais, incluindo conflitos prolongados e desestabilização regional", disse, citando a invasão americana do Iraque em 2003. Ele disse que uma abordagem diplomática medida que prioriza o diálogo sobre o confronto militar oferece a melhor esperança de estabilidade no Médio Oriente.

Japão,

O primeiro-ministro Shigeru Ishiba disse hoje a repórteres que era crucial acalmar a situação o mais rápido possível, acrescentando que o desenvolvimento de armas nucleares iranianas também deve ser evitado.

Ishiba, questionado se apóia os ataques dos EUA ao Irão, se recusou a comentar. Ele estava falando a repórteres após uma reunião de emergência com funcionários de ministérios-chave sobre a ação militar dos EUA.

Ishiba disse que as autoridades ainda estão avaliando os detalhes e fazendo o possível para proteger a segurança dos cidadãos japoneses no Irão, Israel e em outras partes da região. Embora os ataques dos EUA ao Irão não afectem o fornecimento estável de energia do Japão por enquanto, disse Ishiba, ele instruiu as autoridades a "observar o desenvolvimento com senso de urgência e tomar todas as precauções" para evitar um aumento nos custos de petróleo e serviços públicos antes do verão, quando a demanda de energia aumenta.

Coreia do Sul,

O gabinete presidencial da Coreia do Sul disse que realizaria hoje uma reunião de emergência para discutir as ramificações econômicas e de segurança dos ataques dos EUA e possíveis respostas sul-coreanas.

Austrália,

A Austrália, que fechou a sua embaixada em Teerão e evacuou funcionários na passada sexta-feira, continuou a pressionar por um fim diplomático para o conflito. "Deixamos claro que o programa nuclear e de mísseis balísticos do Irão tem sido uma ameaça à paz e à segurança internacionais", disse um funcionário do governo em um comunicado. "Notamos a declaração do presidente dos EUA de que agora é a hora da paz." "A situação de segurança na região é altamente volátil. Continuamos a pedir desescalada, diálogo e diplomacia." **Fonte-Reuters.**

Autoridades sauditas e italianas discutem laços parlamentares



Durante a reunião, os dois funcionários revisaram as relações bilaterais existentes e "exploraram maneiras de aprimorá-las e promovê-las em vários sectores".

O presidente do Conselho Shoura do Reino da Arábia Saudita, Sheikh Abdullah Al-Asheikh, reuniu-se ontem com o presidente do Comitê Parlamentar de Amizade Saudita-Italiano, Marco Osnato, e outros parlamentares italianos durante a segunda Conferência Parlamentar sobre Diálogo Inter-religioso em Roma, Itália. Osnato deu as boas-vindas a Al-Asheikh e destacou a forte cooperação e as excelentes relações entre o Reino da Arábia Saudita e a Itália em

vários níveis, além de elogiar o "papel construtivo do Reino na promoção da paz e estabilidade internacionais, evitando conflitos". O porta-voz do Conselho Shoura "saudou os laços fraternos e enfatizou a importância de fortalecer as relações bilaterais para servir aos interesses compartilhados de ambos os países e seus povos". Durante a reunião, os dois funcionários revisaram as relações bilaterais existentes e "exploraram maneiras de aprimorá-las e promovê-las em vários setores".

Na conferência de três dias, o presidente da Câmara dos Deputados italiana, Lorenzo Fontana, enfatizou o papel vital dos parlamentos e a importância da conferência na construção de pontes e na promoção do entendimento mútuo. Os parlamentares participaram de painéis de discussão focados em "promover o entendimento mútuo, combater o discurso de ódio e promover um futuro compartilhado entre as pessoas em todo o mundo". **Fonte-Arab News.**

Falsa ameaça de bomba força desvio de voo da Saudia para a Indonésia, segundo incidente em uma semana



As inspecções das autoridades confirmaram que a aeronave estava segura e a ameaça de bomba era falsa.

Um voo da Saudia Airlines que transportava centenas de peregrinos do Hajj de volta do Médio Oriente para a Indonésia foi ontem desviado após uma ameaça de bomba. É o segundo incidente desse tipo em uma semana envolvendo um voo da Saudia. O voo SV5688 partiu de Jeddah para a Indonésia, com uma paragem programada em Mascate, e deveria pousar em Surabaya, na ilha de Java.

A Directoria Geral de Aviação Civil disse que os controladores de tráfego aéreo na capital indonésia, Jacarta, receberam uma ligação alertando-os sobre uma ameaça de bomba a bordo do voo, levando ao seu desvio para o Aeroporto Internacional de Kualanamu em Medan, Sumatra do Norte.

O chefe da autoridade aeroportuária regional, Asri Santosa, disse em um comunicado que os oficiais inspecionaram a aeronave na chegada, embora o aeroporto permanecesse totalmente operacional. Todos os 376 passageiros, peregrinos do Hajj de Java e 13 tripulantes foram relatados em segurança, de acordo com um porta-voz da polícia de Sumatra do Norte. Os passageiros devem retomar hoje a viagem. A pedido de comentário do Arab News, a Saudia confirmou que a ameaça à segurança foi considerada falsa. "Em estrita conformidade com os protocolos de segurança, a Saudia desviou o voo SV5688 que operava para Surabaya para o Aeroporto Internacional de Kualanamu, na Indonésia, como medida de precaução", disse a companhia aérea.

"A aeronave pousou e todos os hóspedes e tripulantes desembarcaram com segurança. As autoridades locais realizaram as verificações necessárias logo após o pouso e liberaram a aeronave para continuar a operação. "A segurança e o bem-estar de nossos hóspedes e tripulantes continuam sendo a maior prioridade da Saudia, não importa o custo. Cuidados e apoio completos foram fornecidos, e os preparativos para viagens para Surabaya estão sendo feitos", acrescentou. **Fonte-Arab News.**

Presidente do Irão diz que não interromperá actividade nuclear 'sob nenhuma circunstância'



O presidente do Irão, Masoud Pezeshkian, disse ontem que seu país não interromperá a actividade nuclear "sob nenhuma circunstância" em meio aos combates em andamento com Israel que atingiram instalações nucleares.

O presidente do Irão, Masoud Pezeshkian, disse ontem que seu país não interromperá a actividade nuclear "sob nenhuma circunstância" em meio aos combates em andamento com Israel que atingiram instalações nucleares. "Estamos prontos para discutir e cooperar para construir confiança no campo das actividades nucleares pacíficas, no entanto, não concordamos em reduzir as actividades nucleares a zero em nenhuma circunstância", disse Pezeshkian durante um telefonema com o presidente francês Emmanuel Macron. **Fonte-Reuters.**

Israel e EUA cruzaram 'linha vermelha muito grande' com ataque



O ministro das Relações Exteriores do Irão, Abbas Araghchi, disse que os EUA e Israel cruzaram uma grande linha vermelha ao atacar as instalações nucleares do Irão.

Os Estados Unidos e Israel cruzaram uma grande linha vermelha ao atacar as instalações nucleares do Irão, disse hoje o ministro das Relações Exteriores, Abbas Araghchi, poucas horas depois de um ataque dos EUA a suas instalações nucleares. "Não há linha vermelha que eles não tenham cruzado. E o último, e o mais perigoso, aconteceu apenas ontem à noite. Eles cruzaram uma linha vermelha muito grande atacando instalações nucleares", disse ele.

Araghchi também disse que viajaria segunda-feira a Moscovo para conversar com o presidente russo, Vladimir Putin, após o ataque dos EUA às instalações nucleares do Irão. "Vou a Moscovo" e realizarei "consultas sérias com o presidente russo, disse Araghchi em uma colectiva de imprensa em Istambul, à margem de uma cúpula da OIC. **Fonte-Reuters**.

Barragem de mísseis do Irão atingem três áreas em Israel

Três áreas de Israel, incluindo o centro costeiro de Tel Aviv, foram atingidas na manhã de hoje durante ondas de ataques com mísseis iranianos, com pelo menos 23 pessoas feridas, de acordo com serviços de resgate e a polícia. Vários edifícios foram fortemente danificados na área de Ramat Aviv, em Tel Aviv, com buracos nas fachadas dos blocos de apartamentos.

"As casas aqui foram muito, muito atingidas", disse o prefeito de Tel Aviv, Ron Huldai, a repórteres no local. "Felizmente, um deles estava programado para demolição e reconstrução, então não havia moradores dentro. "Aqueles que estavam no abrigo estão todos seguros e bem. O dano é muito, muito extenso, mas em termos de vida humana, estamos bem. **Fonte-Reuters**.

Companhias aéreas continuam evitando o espaço aéreo do Médio Oriente após operação dos EUA no Irão



O site de rastreamento de voos FlightRadar24 mostrou que as companhias aéreas não estavam voando no espaço aéreo sobre Irão, Iraque, Síria e Israel.

As companhias aéreas continuaram a evitar grandes partes do Médio Oriente após ataques dos EUA a instalações nucleares iranianas, de acordo com o site de rastreamento de voos FlightRadar24, com o tráfego já contornando o espaço aéreo na região devido às recentes trocas de mísseis.

"Após os ataques dos EUA às instalações nucleares iranianas, o tráfego comercial na região está operando como tem acontecido desde que novas restrições ao espaço aéreo foram implementadas na semana passada", disse o FlightRadar24 na plataforma de mídia social X. O site mostrou que as companhias aéreas não estavam voando no espaço aéreo sobre o Irão, Iraque, Síria e Israel. Eles escolheram outras rotas, como o norte pelo Mar Cáspio ou o sul pelo Egito e o Reino da Arábia Saudita, mesmo que isso resulte em custos mais altos de combustível e tripulação e tempos de voo mais longos. **Fonte-Reuters**

Funcionários adicionais da embaixada dos EUA deixaram o Iraque devido a 'tensões regionais'

Mais funcionários da missão diplomática dos Estados Unidos deixaram o Iraque no fim de semana como parte dos esforços contínuos para reduzir o pessoal da embaixada em meio a "tensões regionais", disse hoje uma autoridade dos EUA, depois que Washington atacou instalações nucleares iranianas. "Como parte de nosso esforço contínuo para agilizar as operações, pessoal adicional deixou o Iraque nos dias 21 e 22 de junho", disse o funcionário dos EUA. As saídas foram

uma continuação de um processo que começou na semana passada "com muita cautela e devido ao aumento das tensões regionais", acrescentou. A embaixada e o consulado permanecem operacionais. O Iraque, que há anos navega em um delicado acto de equilíbrio entre Teerão e Washington, há muito tempo é um terreno fértil para batalhas por procuraçao. **Fonte-Reuters.**

[**Transcrição do discurso de Trump sobre o ataque dos EUA às instalações nucleares iranianas**](#)



O presidente Donald Trump fez um discurso à nação na Casa Branca em Washington, D.C. em 21 de junho de 2025, após ataques dos EUA às instalações nucleares do Irão.

Uma transcrição do discurso do presidente Donald Trump sobre os ataques aéreos dos EUA ao Irão, ontem, conforme transcrito pela Associated Press:

Pouco tempo atrás, os militares dos EUA realizaram ataques maciços e precisos contra as três principais instalações nucleares do regime iraniano. Fordow, Natanz e Esfahan. Todo mundo ouviu esses nomes por anos enquanto construíam esse empreendimento horrivelmente destrutivo.

Nosso objectivo era a destruição da capacidade de enriquecimento nuclear do Irão e o fim da ameaça nuclear representada pelo principal patrocinador do terrorismo no mundo.

Esta noite, posso relatar ao mundo que os ataques foram um sucesso militar espetacular. As principais instalações de enriquecimento nuclear do Irão foram completa e totalmente destruídas. O Irão, o valentão do Médio Oriente, deve

agora fazer a paz. Se não o fizerem. Ataques futuros seriam muito maiores e muito mais fáceis.

Por 40 anos, o Irão vem dizendo. Morte à América, morte a Israel. Eles estão matando nosso povo, explodindo seus braços, explodindo suas pernas, com bombas de beira de estrada. Essa era a especialidade deles.

Perdemos mais de 1.000 pessoas e centenas de milhares em todo o Médio Oriente, e em todo o mundo morreram como resultado directo de seu ódio em particular. Muitos foram mortos por seu general, Qassim Soleimani. Decidi há muito tempo que não deixaria isso acontecer. Não vai continuar.

Quero agradecer e parabenizar o primeiro-ministro Bibi Netanyahu. Trabalhamos em equipe como talvez nenhuma equipe tenha trabalhado antes, e percorremos um longo caminho para apagar essa horrível ameaça a Israel. Quero agradecer aos militares israelenses pelo maravilhoso trabalho que fizeram.

E o mais importante, quero parabenizar os grandes patriotas americanos que voaram essas máquinas magníficas esta noite, e todos os militares dos Estados Unidos em uma operação como o mundo não vê há muitas, muitas décadas.

Esperançosamente, não precisaremos mais de seus serviços nessa capacidade. Espero que seja assim. Também quero parabenizar o presidente do Estado-Maior Conjunto, general Dan 'Razin' Caine, general espetacular, e todas as brilhantes mentes militares envolvidas neste ataque.

Com tudo isso dito, isso não pode continuar. Ou haverá paz ou haverá tragédia para o Irão, muito maior do que a que assistimos nos últimos oito dias. Lembre-se, ainda há muitos alvos. Esta noite foi a mais difícil de todas, de longe, e talvez a mais letal.

Mas se a paz não vier rapidamente, iremos atrás desses outros alvos com precisão, velocidade e habilidade. A maioria deles pode ser retirada em questão de minutos. Não há militares no mundo que pudessem ter feito o que fizemos esta noite. Nem perto. Nunca houve um exército que pudesse fazer o que aconteceu há pouco tempo.

Amanhã, o general Caine, o secretário de Defesa Pete Hegseth terão uma colectiva de imprensa às 8h no Pentágono. E eu quero apenas agradecer a todos. E, em particular, Deus. Quero apenas dizer, nós amamos você, Deus, e amamos nossos grandes militares. Proteja-os. Deus abençoe o Médio Oriente. Deus abençoe Israel e Deus abençoe a América. Muito Obrigado. **Fonte-Reuters.**

Qual é o fim do jogo de Netanyahu?



YOSSI MEKELBERG

21 de Junho de 2025



O primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, faz uma declaração durante uma visita ao Instituto Weizmann de Ciência.

Um confronto militar directo e em larga escala entre o Irão e Israel sempre foi percebido como muito perigoso porque arriscava consequências devastadoras demais para qualquer um dos lados contemplar seriamente, muito menos iniciar.

Isso foi até que as autoridades israelenses decidiram na semana passada atacar primeiro no que é sua maior aposta militar desde que os fundadores do país tomaram a decisão de declarar independência.

Uma operação israelense da noite para o dia, ousada e bem-sucedida além da imaginação, transformou uma guerra de palavras de décadas em uma guerra real entre as duas principais potências militares do Médio Oriente. E eles já demonstraram sua capacidade e desejo de infligir grandes danos uns aos outros no que pode se tornar uma guerra de atrito sem fim.

A menos que o bom senso prevaleça entre as duas lideranças, o que parece uma esperança rebuscada, ou, mais provavelmente, a pressão internacional concertada

possa ter sucesso em interromper esse confronto mortal imediatamente, ele pode muito bem sair do controle.

Para dizer o óbvio, ninguém fora do Irão, e poucos dentro do país, quer vê-lo armado com armas nucleares, o que inevitavelmente levaria a uma corrida armamentista nuclear. De facto, um Médio Oriente livre de armas nucleares deve ser um objectivo de longo prazo.

Mas a decisão de Israel de embarcar em uma operação militar dessa escala, e o momento dela, levanta questões e preocupações sobre seus verdadeiros objectivos. Não é segredo que para o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, o autoproclamado "Sr. Segurança", há muito tempo existem dois objectivos principais e abrangentes, ao ponto da obsessão: impedir o estabelecimento de um Estado palestino e eliminar o programa nuclear do Irão.

Ele os vê como ameaças existenciais ao Estado judeu e, igualmente, como sua própria passagem para relevância política e resistência.

Tem havido muita discussão e, eventualmente, haverá uma investigação formal sobre as maneiras pelas quais as políticas destrutivas de Netanyahu destinadas a evitar a possibilidade de uma solução de dois Estados para o conflito de Israel com os palestinos contribuíram para os eventos de 7 de outubro de 2023, a falha de segurança israelense mais devastadora de todos os tempos que levou à guerra em curso em Gaza.

Para que ele agora embarque no que pode vir a ser a guerra mais importante da história de seu país, as pessoas precisam ser convencidas, sem sombra de dúvida, de que a decisão não foi contaminada por nenhum motivo oculto. Infelizmente, o comportamento do primeiro-ministro israelense ao longo de sua carreira política e, definitivamente, durante seu actual mandato, não conseguiu incutir a confiança necessária de que esse é o caso.

Além disso, entrar em um conflito que, segundo algumas estimativas, pode resultar em centenas, senão milhares, de vítimas civis requer um país unido. Seu governo não apenas dividiu a nação mais do que nunca, mas também fez críticas injustificadas e amargas às próprias pessoas agora acusadas de realizar os ataques contra o Irão, simplesmente porque se opuseram pacificamente aos ataques do governo às bases democráticas do país, ou pediram o fim da guerra em Gaza e a volta para casa.

Em um confronto de alto risco com um inimigo em posse de capacidades potencialmente devastadoras, há uma necessidade de confiança na liderança que o dirige, mas esse dificilmente é o caso aqui. A maioria dos israelenses apoia a guerra contra o Irão - mas não Netanyahu e seu governo.

Isso não é tão surpreendente, considerando seus problemas legais, seu desespero para permanecer no poder e seu histórico de tentar desviar a atenção de seus próprios fracassos domésticos e estrangeiros, buscando uma postura mais agressiva, verbal ou não, em conflitos não resolvidos com os vizinhos de Israel.

Há uma preocupação persistente de que sua decisão de aumentar a pressão sobre o Irão tenha tanto a ver com a crise em curso dentro de seu próprio governo de coalizão e com o facto de ele estar nos estágios iniciais do interrogatório da promotoria em seu julgamento por corrupção, quanto com a ameaça à segurança que emana de Teerão.

No caso de uma guerra prolongada com o Irão, é quase impossível imaginar que qualquer membro da coalizão renunciaria, e Netanyahu teria a desculpa perfeita para adiar por semanas, senão meses, seu comparecimento ao tribunal.

Ele alegou que os ataques a alvos iranianos foram justificados com base em novas informações, que ele não estava preparado para compartilhar, sobre a iminente conclusão bem-sucedida de um programa secreto iraniano para finalmente obter armas nucleares. Ele afirmou que Teerão já tinha capacidade para construir várias bombas, uma afirmação refutada por vários relatórios de inteligência americanos que concluíram que o Irão ainda está a alguns anos de desenvolver tais armas.

É mais provável que as autoridades israelenses temessem que os EUA pudessem chegar ao que consideram um acordo nuclear insatisfatório com o Irão. Também é verdade que os tomadores de decisão israelenses identificaram um momento oportuno para atacar, dado que o "eixo de resistência" do Irão foi substancialmente enfraquecido, e o governo Trump, embora não tenha dado luz verde para Israel prosseguir com uma operação militar, nem ordenou que eles pisassem no freio. Na verdade, Washington ainda está enviando sinais contraditórios sobre se está mais interessado em um cessar-fogo imediato ou ficaria feliz em ver os negociadores iranianos retornarem à mesa de negociações com seu país gravemente ferido e humilhado - uma estratégia que pode sair pela culatra.

Israel, apesar de seu impressionante desempenho militar até agora, não tem por si só a capacidade de degradar completamente o projeto nuclear do Irão, e é muito cedo para avaliar a extensão dos danos infligidos até agora.

Netanyahu apostou que os EUA seriam sugados para o conflito, seja para terminar o trabalho, caso os primeiros estágios da guerra conseguissem criar uma oportunidade "única na vida" de acabar com o programa nuclear iraniano de uma vez por todas ou, se as coisas dessem muito errado, que Washington viria em socorro de Israel.

Cada vez mais, parece que Trump está inclinado a ordenar que seus militares terminem o trabalho; ele declarou seu desejo de ver um "fim real" para o conflito e exigiu "rendição total" do Irão, em vez de um cessar-fogo.

As principais autoridades israelenses, principalmente Netanyahu, não esconderam seu anseio por uma derrota humilhante do Irão no campo de batalha que poderia levar a uma mudança de regime. No entanto, não há evidências que sugiram que o regime de Teerão não seria capaz de resistir a tal tempestade, ou que existam forças de oposição prontas e capazes de montar um desafio eficaz.

Na verdade, os cidadãos iranianos que veem seu país sob ataque são mais propensos a se reunir em torno da bandeira. Para o regime, entretanto, o conflito fornece mais uma desculpa para tomar medidas ainda mais duras contra quaisquer sinais de descontentamento doméstico.

Além disso, a mudança de regime geralmente sugere um desejo entre as forças externas que tentam iniciá-la de instalar uma administração mais favorável a elas - mas as experiências passadas não fornecem muita garantia de que é isso que aconteceria; muito pelo contrário, na verdade.

Netanyahu fez a aposta de sua vida e, ao fazê-lo, também está jogando com a segurança de Israel a longo prazo e, possivelmente, também com a de toda a região.

Ninguém se beneficiará de uma guerra prolongada que possa envolver outras potências regionais. A diplomacia deve intervir rapidamente e desempenhar um papel central na resolução do conflito ou este será um verão longo e sangrento.

Yossi Mekelberg é professor de relações internacionais e membro associado do Programa MENA da Chatham House. X: [@Ymekelberg](https://twitter.com/Ymekelberg).

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.